

CONTRIBUIÇÃO PARA O CONHECIMENTO DA ALIMENTAÇÃO EM CONTEXTO ISLÂMICO: ESTUDO DOS RESTOS MAMALÓGICOS E MALACOLÓGICOS DAS MESAS DO CASTELINHO (ALMODÔVAR)

JOÃO LUIS CARDOSO



103

1. INTRODUÇÃO. ASPECTOS METODOLÓGICOS

$$NMI = \sqrt{NTR}$$

Foram-nos confiados para estudo, pelos Drs. Carlos Fabião e Amílcar Guerra, restos faunísticos recuperados no decurso das escavações arqueológicas do povoado das Mesas do Castelinho (Almodôvar), de que são os responsáveis científicos. Este trabalho dá conta das conclusões preliminares já obtidas; será completado com estudo mais completo, englobando a totalidade dos restos exumados na campanha de 1992. As conclusões basearam-se no número total de restos classificáveis. Não considerámos pertinente o cálculo do número mínimo de indivíduos, utilizado por diversos autores, aliás no caso presente de fraco significado, dado o escasso material por ora disponível. De facto, demonstrou-se que o «número total de restos» (NTR) é proporcional ao número real de indivíduos, o que não acontece com o «número mínimo de indivíduos» (NMI). Os dois estão relacionados por uma equação do tipo:

correspondendo a uma relação não-linear (Ducos, in DELPECH, 1973).

Na determinação do número total de restos tivemos em consideração as esquirolas; a dificuldade de classificação foi, na larga maioria dos casos, ultrapassada; as esquirolas oferecem, ainda, o interesse de poderem revelar as técnicas de fracturação dos ossos, para o aproveitamento da medula, hábito frequente das populações islâmicas das Mesas do Castelinho. Admite-se, porém, que alguns dos restos, segundo infor-

mações fornecidas pelos responsáveis pelas escavações, possam ser anteriores a esta ocupação, atendendo ao facto do fosso donde provêm se encontrar escavado em camadas arqueológicas anteriores, da Idade do Ferro e do Período Romano, também com restos faunísticos.

2. ESTRATIGRAFIA, CONDIÇÕES DE JAZIDA, CRONOLOGIA

Os materiais estudados provêm do enchimento de um fosso situado no exterior do castelo. Repartem-se por duas unidades estratigráficas, a mais antiga correspondente à fase de utilização do fosso, a mais moderna coeva da ulterior colmatação deste com materiais de derrube provenientes do castelo.

Em 1989 e 1990 escavou-se um sector do fosso com cerca de 15 m de comprimento. O conjunto cerâmico então recolhido aponta para os séculos IX–X d. C. sendo, portanto, em parte, coevo da ocupação do castelo de Silves (GOMES, 1988).

Para uma síntese dos trabalhos realizados até 1990, ver FABIÃO & GUERRA (1991).

3. INVENTÁRIO DO MATERIAL

Artiodactyla Owen, 1848

Cervidae Gray, 1821

Cervus elaphus L., 1748

- Fragmento craniano conservando porção da região frontal;
- Fragmento de palato;
- Fragmento de armação com vestígios de ter sido serrada em ambas as extremidades;
- Sessenta e oito esquirolas de armações;
- Dois corpos vertebrais de juvenis;
- Um fragmento de apófise vertebral;

- Dois fragmentos de vértebras cervicais;
- Fragmento de pélvis;
- Um P\2; um P\3; um P\4; dois M\1-M\2; um M\3, todos do mesmo indivíduo (?);
- Um P\2 de grande tamanho;
- Um D/2;
- Fragmento da tábua externa do ramo horizontal do osso mandibular;
- Esquírola de osso longo, provavelmente de diáfise de rádio;
- Extremidade articular distal de metacárpico;
- Esquírola de diáfise de fémur;
- Esquírola de diáfise de tibia;
- Fragmento distal de tibia;
- Dois astrágalos;
- Um calcâneo, incompleto nas duas extremidades;
- Fragmento da calcâneo, conservando parte da articulação com o astrágalo;
- Um cuboscáfóide;
- Extremidade proximal de metatársico com marcas de fogo;
- Dois fragmentos proximais do mesmo metatársico;
- Metade distal de metatársico;
- Extremidade distal de metatársico.

Bovidae, Gray, 1821

Bos taurus L., 1758

- Um I/1;
- Porção anterior do ramo horizontal do osso mandibular, conservando em parte o diastema;
- Extremidade distal incompleta de metacárpico juvenil (ver discussão e conclusões);
- Extremidade distal de metatársico juvenil (ver discussão e conclusões).

Capra hircus L., 1758

Ovis aries L., 1758

- Quatro fragmentos de crânio, incluindo um dos ossicones, de secção quase circular;
- Extremidade de ossicone, de secção circular;
- Ossicone de secção achatada;
- Fragmento basal de ossicone, menor que o anterior;
- UM P\3; seis M\2-M\3; três M\3;
- Uma hemimandíbula com a série jugal completa (de *Ovis*);
- Fragmento de hemimandíbula com parte de D/3, D/4 e M/1;
- Fragmento de hemimandíbula com P/2, P/3 e P/4;
- Fragmento de hemimandíbula juvenil com os alvéolos de D/2, D/3 e D/4;
- Fragmento de hemimandíbula com P/3 a M/3 (de *Capra*);
- Fragmento de hemimandíbula com P/2 a M/2;

- Fragmento de hemimandíbula com P/4 e M/1;
- Fragmento de ramo ascendente de hemimandíbula;
- Extremidade do processo coronóide mandibular;
- Fragmento do osso mandibular, correspondente à parte basal do ramo ascendente;
- Um P/3; um P/4; cinco M/1-M/2; quatro M/3, dos quais um incompleto;
- Um D/2;
- Três fragmentos de omoplatas diferentes;
- Fragmento de pélvis;
- Duas esquirolas de humero;
- Fragmento de humero, conservando a parte distal da diáfise;
- Porção distal de rádio;
- Porção distal de rádio juvenil;
- Um metacárpico;
- Porção proximal de metacárpico de dimensões idênticas às do anterior;
- Porção de diáfise de metacárpico;
- Quatro fragmentos de diáfises de tíbias diferentes;
- Metade proximal de tíbia, com múltiplas marcas de corte na diáfise;
- Metade distal de tíbia, com marcas de corte na diáfise;
- Um metatársico incompleto na extremidade distal;
- Porção de diáfise de metatársico de tamanho idêntico ao anterior;
- Metatársico incompleto em ambas as extremidades;
- Um astrágalo;
- Outro astrágalo, maior que o anterior e com marcas de fogo;
- Uma esquirola de osso longo.

Leporidae Gray, 1821
Oryctolagus Lilljeborg, 1874
Oryctolagus cuniculus (L.), 1758

Abundantes restos, atribuíveis a coelho (selvagem?).

Fauna malacológica

Patella sp. – 10 exemplares;
Glycymeris glycymeris – 3 exemplares;
Cerastoderma edule – 2 exemplares;
Mytilus sp. – 1 exemplar.

4. DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

4.1. Ao nível zoológico

Os resultados obtidos do estudo preliminar dos restos inventariados podem ser apresentados na seguinte tabela, em que se consideraram como independentes todos

os elementos com valor individual (exemplo: dentes inclusos em mandíbula)

	nº de restos	%
<i>Cervus elaphus</i>	101	51,8
<i>Bos taurus</i>	4	2,0
<i>Capra hircus</i> e <i>Ovis aries</i>	90	46,2

Tais resultados demonstram a predominância do veado no espectro faunístico, seguido de perto pelos ovicapríinos. Dentre estes, documentou-se, seguramente, a presença da cabra e da ovelha. São argumentos discriminantes:

- a) a maior robustez e tamanho de alguns ossos e dentes;
- b) o desenvolvimento do talónido no M/3;
- c) a relação entre o comprimento da série pré-molar e da série molar, diferente nos dois gêneros.

Tais aspectos, foram documentados no material estudado por situações bem diferenciadas; deixaremos para trabalho ulterior a sua demonstração, com recurso a estudos biométricos.

No conjunto, parece verificar-se a predominância da ovelha.

O boi encontra-se apenas representado por dois restos seguros; os fragmentos de dois metápodes juvenis poderiam também pertencer a veado; a abundância desta espécie confere credibilidade a esta hipótese, impossível de confirmar atendendo ao estado fragmentário e juvenil de tais restos.

Os restos de cervídeo, correspondem em geral a indivíduos de grandes dimensões, o que afasta a hipótese de *Dama dama* (o gamo).

4.2. Ao nível paleoecológico

A abundância e grande tamanho dos restos de veado indica biótopo favorável, correspon-

dente à existência de abundantes manchas florestais, sugerindo condições climáticas mais húmidas que as actualmente existentes na região. A provável existência, no Período Romano, de manchas florestais no litoral do Baixo Alentejo, foi já assinalada por nós noutra lugar, tendo sido sugerida pelo espectro faunístico recolhido na ilha do Pessegueiro (CARDOSO, em publicação). Ainda em 1285, o foral de Almodôvar (COELHO, 1987, p. 28) concedido por D. Diniz, a 17 de Abril, menciona o «ceruo» (veado), a par do «zevru», ou «zebru» (equídeo selvagem, actualmente extinto), o que sugere a efectiva manutenção até, pelo menos, finais do século XIII, de áreas florestais entrecortadas de espaços abertos, mais propícios aos zebros.

As condições climáticas mais húmidas beneficiariam, também, a maior representação da ovelha face à cabra, esta especialmente adaptada a climas mais áridos, como parece ser o caso na actualidade.

4.3. Ao nível religioso

Salienta-se a ausência total de porco doméstico ou de javali, explicável pela repugnância dos seguidores de Maomé no consumo da sua carne. Situação idêntica foi documentada em Silves, na mesma época (ANTUNES, 1991).

A caça ao javali encontra-se documentada noutros contextos islâmicos; porém, a falta de restos ósseos nas Mesas do Castelinho não pode ser considerada fortuita, dada a abundância do veado, caçado em biótopo onde o javali deveria ser, também, abundante.

4.4. Ao nível económico e social

A prática da caça seria a principal fonte alimentar das populações islâmicas das Mesas

do Castelinho. O veado constituía, de longe, a componente principal da dieta, considerando não apenas a maioria dos restos que lhe pertencem, mas também a corpulência do animal, muito superior à dos ovinos e caprinos. Os animais caçados seriam transportados inteiros para o castelo, onde seriam esquartejados; assim o indica a distribuição anatómica dos restos identificados. O mesmo aconteceria, por maioria de razão, com os animais domésticos.

A predominância da caça contrasta com a conclusão obtida do estudo dos restos de Silves, da mesma época, onde se verificou a larga presença de ovinos e caprinos e a ausência de caça (ANTUNES, 1991), o inverso da presente situação. Não sendo viável a explicação de tal situação por razões ecológicas — ambas as regiões integram-se em contextos ambientais semelhantes — há que considerar razões de ordem económica e social.

Considerando as características militares das Mesas do Castelinho, a comunidade que o habitaria poderia corresponder a uma pequena guarnição, pouco dada à criação de animais domésticos mas, ao contrário, privilegiando a caça, por certo frequente, não apenas como fonte de subsistência, mas também como desporto e exercício. Assim se concebe, também, a abundância de avifauna (referida no Anexo), talvez caçada com falcão, e de animais de menor porte (coelhos), provavelmente selvagens. É sabida a abundância de tal espécie no Período Romano, na Hispânia, situação que não se teria alterado em épocas ulteriores.

Tratar-se-ia, enfim, de uma comunidade pouco sedentária, como sugere a extrema raridade de grandes bovinos, incompatíveis com a mobilidade que seria exigida a uma guarnição militar.

Tal conclusão tem, no espectro faunístico de Silves, proveniente de contexto urbano, contraprova e confirmação. Salienta-se, assim, a importância decisiva que têm os aspectos económicos, sociais ou mesmo religiosos, na interpretação dos resultados dos estudos arqueozoológicos.

Por fim, referência à presença de espécies de moluscos marinhos, o que documenta a ligação com o litoral, onde ainda hoje ocorrem.

ANEXO – AVIFAUNA

O. da Veiga Ferreira

Foi identificada a presença, muito abundante, de aves de capoeira e de caça (parece documentar-se a perdiz). Há também aves de pequeno porte (tordo e possivelmente melro).

Os columbídeos estão representados por pombos e rolas. Há também um osso e restos de grande ave (ganso ou cisne).

BIBLIOGRAFIA

ANTUNES, M. T. (1991) — «Restos de animais no castelo de Silves (séculos VIII-X). Contribuição para o conhecimento da alimentação em contexto islâmico». *Estudos Orientais*, 2 (O legado cultural de Judeus e Mouros), p. 41-72.

CARDOSO, J. L. (em publicação) — *Restos de grandes mamíferos da ilha do Pessegueiro. Contribuição para o conhecimento da alimentação na época romana*. Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza.

COELHO, J. M. A. (1987) — *Foral de Almodôvar*, 2ª edição. Câmara Municipal de Almodôvar.

DELPECH, F. (1973) — «Signification paléoclimatique des associations d'herbivores reconnues dans un gisement archéologique». *Bull. Soc. Préhist. Franc.*, 70, p. 187-189.

FABIÃO, C. & GUERRA, A. (1987) — «O povoado fortificado de "Mesas do Castelinho", Almodôvar». Actas das IV Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses (Lisboa, 1990), p. 305-319.

GOMES, R. Varela (1988) — «Cerâmicas muçulmanas do castelo de Silves». *XELB*, 1, p. 11-294.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos Drs. Carlos Fabião e Amílcar Guerra todas as informações das condições de jazida e respectiva cronologia dos materiais agora estudados, bem como a indicação do texto do Foral de Almodôvar.